

7.09.99 – Ciência Política.

## MOVIMENTO ANTROPÓFAGO E IDENTIDADE NACIONAL

Alice de Souza Araújo<sup>1</sup>, Bernardo Ricupero<sup>2</sup>

1. Estudante de graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP)
2. Professor da FFLCH-USP - Departamento de Ciência Política/Orientador

### Resumo

O objetivo geral deste estudo foi analisar o projeto nacional inscrito na Antropofagia brasileira, movimento artístico e de ideias encabeçado por Oswald de Andrade e iniciado no final da década de 1920. De maneira mais específica, buscou-se investigar se a Antropofagia propunha uma ideia de identidade nacional, posto que esse movimento se desenvolveu em um contexto no qual os círculos intelectuais e políticos do Brasil discutiam a questão identitária diante de um país em importantes transformações. Para tanto, foi feita a análise da *Revista de Antropofagia* como principal fonte documental, já que o periódico foi criado para socializar o projeto antropófago e apresenta características que permitem traçar um panorama do movimento em suas diferentes dimensões. A pesquisa aqui desenvolvida se deteve à dimensão política da Antropofagia, e buscou entender se esta traçava o esboço de uma identidade nacional brasileira.

**Palavras-chave:** Modernismo brasileiro; Antropofagia; Projeto nacional.

**Trabalho selecionado para a JNIC:** FFLCH – USP

### Introdução

O panorama social e político brasileiro do início do século XX foi marcado por um sentimento de “cultura postiça” decorrente da grande influência que os paradigmas europeus exerciam, tanto nas artes quanto nas letras e na política do país. Essa ideia de inautenticidade era compartilhada principalmente pelos círculos intelectuais dos grandes centros – especialmente de São Paulo – que reconheciam no Brasil um certo tipo de transposição cultural, cujo resultado definia-se pela proposição de soluções europeias a problemas americanos. O incômodo gerado por essa situação passou a ser bastante discutido pelas correntes vanguardistas do Modernismo brasileiro que, diante de um país em transformação, propunham novas maneiras de perceber as particularidades do Brasil, articulando, para tanto, arte e sociedade.

Especificamente nas décadas de 1910 e 1920, o Brasil vivenciava os primeiros anos de sua experiência republicana, juntamente às transformações causadas pela abolição da escravidão e pelo início da industrialização e urbanização dos grandes centros do país. Tratava-se, portanto, de mudanças no sistema de governo, nas relações raciais, de trabalho e de produção, o que junto a outros fatores trouxe novamente à discussão um assunto caro à produção intelectual brasileira: a identidade nacional.

Oswald de Andrade figurou como um dos artistas e escritores mais expressivos desse período, encabeçando movimentos como o pioneiro Pau-Brasil e seu herdeiro, mais radical, Movimento Antropófago. A Antropofagia brasileira pode ser entendida como uma mobilização intelectual de reação ao *status quo* da sociedade do início do século XX, e tinha como um das suas principais intenções o questionamento e a proposição de uma nova maneira de pensar o Brasil em seus âmbitos histórico e cultural.

Tendo em vista esse panorama, o objetivo desse estudo foi entender se a Antropofagia, em seu compromisso de repensar a experiência cultural e histórica do Brasil, traçou a ideia de um sujeito nacional. A pesquisa partiu da hipótese inicial de que a preocupação com a identidade nacional era central nos escritos antropófagos, vez que a tradição do pensamento oswaldiano e a maneira com que se compôs a Antropofagia apontam para diálogos com essa questão.

### Metodologia

O conjunto metodológico usado na investigação privilegiou a análise de textos entendendo-os como fontes privilegiadas de acesso ao projeto intelectual e político da produção de um indivíduo ou grupo. O método escolhido para o desenvolvimento da pesquisa foi informado pela vertente skinneriana do contextualismo linguístico, que empreende a análise de textos do passado considerando seu contexto de convenção linguística. Nesse interim, tratou-se de entender em que momento histórico e social a comunicação dos textos foi estabelecida, e quais eram as intenções dos autores ao mobilizarem determinados conceitos e ideias no contexto ao qual se inseriam.

O estudo iniciou-se a partir do reconhecimento do contexto de comunicação no qual os textos da revista estavam inseridos. Para tanto, identificou-se inicialmente os indivíduos que compunham o grupo que escreveu a *Revista de Antropofagia*, a fim de localizar histórico e socialmente suas escritas e de compreender

a composição editorial da revista em suas duas fases. O segundo momento destinou-se a identificar a quem os textos se dirigiam e com quais outras correntes intelectuais dialogava. Esses dois elementos foram estudados partindo principalmente dos estudos de Boaventura (1985), Azevedo (2018) e Queiroz (2016), além da própria análise da publicação antropófaga, vez que em diversas passagens os autores explicitam a quem estão endereçando seus escritos.

Em seguida foram analisadas as ideias e conceitos principais mobilizados na comunicação pretendida pela revista, a fim de compreender quais foram as intenções ilocucionárias dos autores do texto ao escrevê-las. Esses elementos foram retirados de uma seleção de textos da *Revista de Antropofagia* que apresentam características programáticas do projeto intelectual antropófago. O critério de escolha desses escritos foi baseado nos estudos de Ricupero (2018), Jáuregui (2016) e Azevedo (2018), e resultaram na análise de quinze textos integrantes da revista, quais sejam: “Abre-alas” e “Nota insistente”, de Alcântara Machado; “Manifesto Antropófago” e a série “De antropofagia”, de Oswald de Andrade; e “A ‘descida’ antropófaga”, “Revisão necessária”, e a série “Moquém”, de Oswaldo Costa.

## Resultados e Discussão

Os textos convergem para o entendimento da Antropofagia como o que Azevedo (2018) chama de concepção filosófica da existência. Baseando-se no ritual antropofágico como praticado pelas sociedades indígenas Tupinambá do Brasil do século XVI, o movimento antropófago se apropriou do *modus operandi* desse ritual, de modo a torná-lo um sistema de análise da realidade que parte de esquemas relacionais de interação. Portanto, o objetivo por trás da operação antropófaga não é a simples predação do inimigo, e sim a apropriação das capacidades subjetivas dele para constituição de si enquanto sujeito autônomo, da mesma maneira que na antropofagia Tupinambá.

Para o movimento antropófago, o alvo dessa “apropriação digestiva” eram os paradigmas europeus que no início do século XX exerciam grande influência na vida social e política do país. Diferentemente de correntes contemporâneas a seu projeto, a Antropofagia não propôs a assimilação ou negação completa desses paradigmas; a novidade trazida pelo movimento foi a proposição de devorar, deglutir e absorver as referências que chegavam, a fim de com elas construir um olhar novo. Enquanto operação intelectual, esse processo apareceu nos escritos antropófagos sob a forma do que Oswald de Andrade (1928) chamou de transformação permanente do Tabu em totem. De acordo com Nodari (2015), essa transformação significou para a Antropofagia converter o valor oposto – a condição americana, nativa, não europeia, a “barbárie” – em valor favorável. Ascendendo enquanto condição vantajosa em detrimento da condição europeia, esse novo jeito de ser no mundo propunha uma volta ao natural, aos elementos que particularizavam a experiência brasileira diante das demais. Tratava-se, em linhas gerais, de promover “a reação contra o homem vestido” (Andrade, 1928, p. 3), movimento que resultou em três operações fundamentais do projeto intelectual antropófago: a inversão entre América e Europa, rebaixando esta à condição secundária e elevando a “barbárie” como vantajosa à existência; a desfiliação da América ao Ocidente, o que permitiu a reavaliação crítica de nossa história e cultura; e a ascensão das particularidades nativas como representantes de nossa experiência social e histórica, reestabelecendo e enfatizando-as sob a interpretação nativa e elevando os habitantes da América a protagonistas de sua própria história.

Jáuregui (2016) faz referência a essas operações denominando-as como uma descolonização cultural, e essa alcunha se justifica quando se colocam em perspectiva os impactos da construção intelectual trazida pelo movimento antropófago. Retomando o estudo de Azevedo (2018), ao defender a Antropofagia como concepção filosófica da existência, é possível dizer que o movimento revisitou posicionamentos estabelecidos para nossa história, olhou para o início da década de XX no intuito de entender o novo lugar no qual o país se colocava e também projetou para o futuro o que Jáuregui (2016) chamou de uma modernidade alternativa, antropófaga por excelência. Como se construiria ou se comportaria o sujeito nacional nascido nesta realidade é uma resposta que não encontramos explicitamente no escrito antropófago, mas que pode ser sugerida a partir da figura do bárbaro tecnizado.

## Conclusões

Especialmente sob a orientação de Oswald de Andrade, o movimento antropófago apropriou o conceito de bárbaro tecnizado da teoria do conde alemão Hermann von Keyserling. Para ele, o bárbaro tecnizado seria fruto da decadência total do ocidente, em especial porque o entendia como resultado final do potencial destruidor da técnica, que “por ser universal e não pertencer a qualquer cultura, destruía qualquer possibilidade de criação de sentido, instaurando o progresso como tempo avassalador e mortal” (Faria, 2013, p.912). Oswald, por sua vez, entendia o bárbaro tecnizado como a figura que redimiria o ocidente, já que seria portador de uma vitalidade nova, criadora de cultura e livre das projeções e ideologias europeias. É justamente pelo fato de estar livre do que Oswald (1928) chama de mentalidade reinol europeia que o bárbaro tecnizado figura como sujeito capaz de construir e se manter no Brasil resultante das operações antropófagas. Sem negar os avanços técnicos e intelectuais trazidos pela experiência europeia, mas os digerindo e absorvendo mediante referências americanas, o bárbaro tecnizado é proposto como uma síntese do melhor desses dois mundos: um sujeito de consciência antropófaga agindo e interagindo nas bases materiais, políticas e sociais de sua época.

A análise dos textos indicou que o projeto principal da Antropofagia era mais voltado à construção de uma nova perspectiva de análise da realidade que envolvesse menos uma identidade e mais uma reavaliação da história e dos elementos culturais do Brasil, fato que dialoga com o contexto no qual a concepção antropófaga se desenvolveu. Tendo em vista essas considerações, é possível concordar parcialmente com Azevedo (2018) quando diz que o movimento antropófago não visava a constituição de uma identidade nacional. No entanto, essa pesquisa sugere que, ainda que não fosse a principal preocupação, isso não significa que subjacente às formulações antropófagas não seja possível captar uma ideia de identidade nacional, fato que se expressa, como defendido, na figura do bárbaro tecnizado.

### Referências bibliográficas

- ANDRADE, Oswald de. (1928). **Manifesto Antropofago**. In: Revista de Antropofagia, v.1, n.1.
- AZEVEDO, Beatriz. (2018). **Antropofagia – Palimpsesto Selvagem: Beatriz Azevedo**. São Paulo: SESI – SP.
- BOAVENTURA, Maria Eugenia. (1985). **A Vanguarda Antropofágica**. São Paulo: Editora Ática.
- FARIA, Daniel. (2013). **As meditações americanas de Keyserling: um cosmopolitismo nas incertezas do tempo**. In: Varia hist., Belo Horizonte, v. 29, n. 51.
- NODARI, Alexandre. (2015). **A transformação do Tabu em totem: notas sobre (um)a fórmula antropofágica**. In: Revista Das Questões: Filosofia, Tradução e Arte, v.?, n.2.
- QUEIROZ, Helaine Nolasco de. (2016). **O estômago de um periódico: edição e circulação da Revista de Antropofagia**. In: Temporalidades – Revista de História, ed. 21, v. 8, n. 2. Belo Horizonte.
- RICUPERO, Bernardo. (2018). **O “original” e a “cópia” na Antropofagia**. In: Sociol. Antropol., v.8, n.3. Rio de Janeiro.
- JÁUREGUI, Carlos A. (2016). **La otra Antropofagia. Oswaldo Costa y la crítica de la cuestión colonial**. In: Revista Iberoamericana, vol. LXXXII, n. 255-256.